imprimir enviar por e-mail comentar ver comentários matéria-prima

DCI www.dci.com.br

06/05/08 - 00:00 > FINANÇAS

Mercado prevê antecipação de oferta de ação

Apesar de não gerar uma corrida imediata das empresas para colocar suas ações no mercado, a chegada do grau de investimento ao Brasil ao menos antecipa a expectativa de retomada da demanda por novas distribuições de papéis. Companhias que postergaram seus planos de realizar ofertas de ações para 2009 - por conta da turbulência no mercado internacional e seus efeitos no apetite dos investidores - já tomam providências para que as operações ocorram ainda no segundo semestre deste ano, de acordo com fontes de mercado.

"Conversando com pessoas do mercado, surgiu o rumor de que empresas que estavam adiando as ofertas para o início de 2009 estão pedindo para acelerar a documentação, com o intuito de fazer o IPO (oferta inicial de ações) ainda este ano", diz Tereza Kaneta, diretora da MZ Consult.

Para Roberto da Cunha Penedo, diretor presidente do Banco do Estado do Espírito Santo (Banestes), o grau de investimento é animador, mas não o suficiente para fazer a companhia realizar uma oferta de ações. O banco consta da lista de distribuições de papéis em análise na Comissão de Valores Mobiliários (CVM). "A reação do mercado em voltar a comprar ações pode vir mais rápido, pode acontecer antes do que se não houvesse o investment grade", diz. Ele ressalva, no entanto, que ainda é muito cedo para mitigar os efeitos do selo dado ao País sobre o comportamento do mercado comprador de papéis. Em fevereiro, o Banestes solicitou à CVM a interrupção, por até 60 dias úteis, do prazo de análise do pedido de registro de uma oferta pública primária e secundária de ações, citando "as condições adversas verificadas recentemente nos mercados financeiros e de capitais de todo o mundo".

"Quando saímos do mercado, ninguém estava comprando nada. Estamos preparados para a qualquer momento voltar com a operação. Isso vai acontecer quando a compra de ações estiver de volta", indica. Penedo acrescenta que o grau de investimento chegou há poucos dias e seria prematuro tomar qualquer decisão apenas por conta da melhora na avaliação de risco do País.

Para Thiago Giantomassi Medeiros, sócio da área de Mercado de Capitais do Demarest & Almeida Advogados, ainda é cedo para se pensar em oferta pública de ações, já que o mercado ainda absorve a notícia de que o Brasil recebeu o grau de investimento e a retomada deve ficar mais para o final do ano. "Um dia é pouco tempo para saber. Com certeza teremos uma melhora no segundo semestre deste ano, mas ainda dependemos muito do investidor estrangeiro, e com a crise norte-americana fica difícil", diz. "O momento agora é para companhias que já estão listadas na bolsa [Bovespa]. O volume de operações vai aumentar bastante, tanto em curto, como em médio e longo prazo", acrescenta ele.

Tereza Kaneta também acha que ainda é não é a hora certa de fazer ofertas públicas. "Tivemos apenas três dias úteis desde quando recebemos a notícia do investment grade, o mercado de IPOs deve ficar para o segundo semestre do ano", lembra.

Maior liquidez

Segundo Rogério Andrade, sócio da KPMG, os investidores estão procurando empresas de grande porte e de setores específicos para aplicar o dinheiro. "Agora não é o momento das empresas pequenas, os investidores não vão fazer investimentos de risco. Nós estamos trabalhando com uma base de que os investidores devem procurar IPOs acima de R$ 1 bilhão, que são companhias com grande liquidez. A procura também é grande por empresas dos setores de infra-estrutura ou de recursos naturais (commodities)", explica.

Pedro Lanna, sócio do Barbosa, Müssnich & Aragão, também afirma que o mercado está mais promissor para as empresas de grande porte. "O mercado demanda muita liquidez, e é bem mais fácil para as empresas grandes conseguirem estes resultados", acrescenta.

Empresas estrangeiras

Além de investidores, o que anima o mercado brasileiro é um possível crescimento de empresas estrangeiras começarem a negociar seus papéis no mercado brasileiro (BDR, ou Brazilian Depositary Receipts). Segundo Thiago Giantomassi a fusão da Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa) com a Bolsa de Mercadorias & Futuros (BM&F) pode fazer com que empresas estrangeiras ingressem no Brasil. "As empresas da América Latina vão procurar lançar BDRs com a fusão das bolsas, que tornou o mercado brasileiro muito forte. O Brasil é um dos melhores países emergentes para se investir", diz. Tereza Kaneta lembra que empresas da Argentina estão procurando o mercado brasileiro para listar suas empresas. "Vi que algumas empresas argentinas estão ingressando no mercado brasileiro, elas estão bem confiantes na nossa economia", lembra ela.

Dinheiro novo

Os investidores estrangeiros, somados, representam cerca de 70% do capital que entra na Bolsa de Valores de São Paulo. Deste montante, 60% vêm dos Estados Unidos, e a crise financeira deve dificultar a entrada de recursos de investidores que já vinham colocando recursos no Brasil. "A crise afeta muito os investidores, mas se for ver pelo lado positivo, com o investment grade podemos arrecadar dinheiro novo, com fundos americanos que só podem investir em países com o grau de investimento que o Brasil conseguiu", lembra Andrade. Vale lembrar que apenas uma agência [Standard & Poor's] deu o selo de investimento. O mercado espera, ainda para esta semestre, que outras agências dêem o grau de investimento ao Brasil.

Eduardo PuccioniMaria Cláudia Almeida

imprimir enviar por e-mail comentar ver comentários matéria-prima

DCI www.dci.com.br

06/05/08 - 00:00 > FINANÇAS

Duas empresas já querem retomar emissão inicial

O grau de investimento concedido pela agência de classificação de risco Standard & Poor's ao Brasil na semana passada já fez pelo menos duas empresas se animarem a retomar suas ofertas públicas iniciais de ações (IPO, pela sigla em inglês). Quem conta o fato é Rogério Andrade, sócio da KPMG. De acordo com ele, algumas empresas estão ansiosas por dar continuidade à abertura de capital.

"Já recebi duas ligações de empresas querendo retomar o processo de IPO, após o Brasil receber o selo de bom País para investimentos", diz. As companhias, segundo ele, atuam nos setores de infra-estrutura e recursos naturais.

Segundo Pedro Lanna Ribeiro, sócio do Barbosa, Müssnich & Aragão, as empresas estão muito interessadas nas ofertas. "Cinco ou seis projetos de abertura que estavam parados já foram retomados. Em relação a novos processos de capitalização, a procura ainda é pequena", indica ele.

Segundo Thiago Giantomassi Medeiros, sócio da área de Mercado de Capitais do Demarest, alguns clientes estão ligando com o interesse de saber como anda o mercado. "Tivemos alguns clientes que ligaram, não com o interesse em dar andamento no IPO", disse.